

O ESPAÇO FICCIONAL: PERSPECTIVAS TEÓRICAS THE FICTIONAL SPACE: THEORETICAL PERSPECTIVES

Prof. Me. Ederson Dias de Carvalho¹

Resumo: O objetivo da presente pesquisa é apresentar perspectivas teóricas importantes que contribuem para o estudo do espaço ficcional. Sabe-se que os trabalhos acerca desse elemento da narrativa vêm chamando a atenção de pesquisadores e, com isso, é salutar analisar aspectos teóricos significativos que envolvem o estudo dessa temática, tais como: espaços da narrativa (o social e o psicológico), espaços de memória, caracterização das personagens, ambientação e paisagem. Tem-se aqui uma pesquisa bibliográfica, de cunho analítico-qualitativa, que utiliza como aporte teórico os seguintes escritores: Borges Filho (2007), Osman Lins (1976), Santos e Oliveira (2001), dentre outros. Os resultados demonstram que analisar uma obra literária, apoiado nos referidos aspectos teóricos, ajuda o pesquisador a compreender, de forma mais produtiva, o espaço ficcional nela contido.

Palavras-chave: Espaço ficcional; perspectivas teóricas; obra literária.

Abstract: The objective of this research is to present important theoretical perspectives that contribute to the study of fictional space. It is known that the works about this element of the narrative have been attracting the attention of researchers and, therefore, it is healthy to analyze significant theoretical aspects that involve the study of this theme, such as: spaces of the narrative (the social and the psychological), spaces of memory, characterization of the characters, ambience and landscape. Here we have a bibliographic research, of an analytical-qualitative nature, that uses the following writers as a theoretical contribution: Borges Filho (2007), Osman Lins (1976), Santos and Oliveira (2001), among other. The results demonstrate that analyzing a literary work, supported by the referred theoretical aspects, helps the researcher to understand, in a more productive way, the fictional space contained therein.

Keywords: Fictional space; theoretical perspectives; literary work.

1 Introdução

O estudo sobre o espaço literário no Brasil, especialmente nas últimas décadas, passa a despertar o interesse de diversos pesquisadores. Nesse sentido, vale ressaltar que muitas dessas produções surgiram por meio do estímulo de grupos de pesquisa, tal como o Grupo de Pesquisa Interinstitucional sobre Espaço, Literatura e Outras Artes – TOPUS, que se inclina a colocar em evidência o elemento da narrativa posto aqui em discussão.

Com as contribuições de Osman Lins (1976), Santos e Oliveira (2001), Borges Filho (2007), dentre outros, teorias acerca do espaço ficcional foram surgindo, concorrendo, assim, para o lançamento de produtivas análises literárias.

Assim, apoiado nas ideias dos referidos autores, este trabalho discute sinteticamente acerca das seguintes vertentes: espaços da narrativa: o social e o psicológico; espaços de

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professor do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí – CEAD/UFPI. Pesquisa sobre o espaço ficcional. E-mail: edersonstar@hotmail.com

memória; caracterização das personagens; ambientação e paisagem. Tais vertentes são desenvolvidas sem a pretensão de se aprofundar sobre nenhuma delas, mas com a intenção de se travar breves debates, privilegiando a construção de um panorama geral no tocante à temática apresentada.

2 Considerações teóricas sobre o espaço ficcional

Nas últimas décadas o estudo acerca do espaço ficcional vem ganhando cada vez mais notoriedade, encontrando terreno fértil para significativas discussões. Tal estudo, no tocante a esse elemento da narrativa, proporciona o contato com novos espaços literários que podem até mesmo se assemelharem aos geográficos, mas que possivelmente trarão aspectos peculiares em virtude da sua plurissignificação. Para ilustrar o presente debate, Tally Junior, recorrendo à *Commedia* de Dante, pontua:

Nesse sentido, a *Commedia* de Dante oferece, de facto (sic), uma espécie de cartografia literária e os leitores que estudam a sua geografia literária podem alcançar um melhor conhecimento dos espaços reais imaginados dos seus próprios mundos, mundos que podem, de facto (sic), ser muito diferentes dos espaços sociais de Florença de *quattrocento* (TALLY JUNIOR, 2018, p. 16).

No tocante às discussões referentes especificamente aos espaços da narrativa, dois deles merecem destaque: o social e o psicológico. No que tange ao espaço social, três palavras-chave são importantes para compreendê-lo: observação, descrição e análise. Sabe-se que o espaço não se mostra despretensiosamente, como um leitor ingênuo poderia imaginar, mas a configuração espacial presente na obra se desnuda como produto de uma análise crítica embrionária por parte de quem o mostra, capaz de gerar outras análises. Há uma seleção do ângulo observado, como também há uma descrição seletiva do que ali é exposto. Desse modo, asseveram Santos e Oliveira:

Normalmente, por espaço social entende-se a observação, descrição e análise de ambientes que ilustram, quase sempre com intenção crítica, aquilo que, utilizando-se um vocabulário naturalista, pode-se chamar de 'os vícios e as deformações da sociedade'. *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, é exemplo de narrativa que envereda por esse caminho, à medida que se ancora em um espaço historicamente determinado: o Rio de Janeiro do tempo de D. João VI e D. Pedro I. Ali, personagem e espaço disputam a primazia, e se pode apreender, quase didaticamente, a relevância do segundo (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 79-80).

Já o espaço psicológico é aquele que emana do interior das personagens e traz à tona os seus conflitos, inquietações e desejos. Nele estão presentes figuras de linguagem, responsáveis pela construção de uma linguagem simbólica, movendo a narrativa para um

outro plano marcado pelas impressões daquele(a) que fala, quase que em forma de desabafo, na tentativa de ser ouvido(a):

Por outro lado, o espaço psicológico, muitas vezes limitado ao 'cenário' de uma mente perturbada, surge a partir da criação de atmosferas densas e conflituosas, projetadas sobre o comportamento, também ele freqüentemente (sic) conturbado, das personagens. Os espaços íntimos vinculam-se, assim, a um pretense significado simbólico (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 80-81).

Sobre esses espaços da narrativa, frisa-se aqui que, assim como a produção contemporânea, no geral, está cada vez mais buscando inovação, novas técnicas e diferentes formas de escrita, também a arte literária passa por intensas transformações. Exatamente por tais razões não se pode reduzir os espaços da narrativa apenas aos espaços aqui mencionados: o social e o psicológico. Insistir nesse reducionismo da narrativa não é objetivo deste trabalho e pouco irá contribuir para a continuação de tais estudos sob o viés do espaço ficcional.

Além disso, há uma indagação pertinente a se fazer quando se trata da temática aqui apresentada: Narrar ou descrever? Eis um dos embates dos romancistas do século XIX, principalmente os realistas, e do início do século XX, especialmente os modernistas da segunda geração brasileira. Nesse sentido, essa opção que o escritor terá que realizar ao produzir suas obras, narrar ou descrever, irá repercutir fortemente acerca de como os espaços no texto literário irão se manifestar.

Os realistas trabalhavam com uma literatura que se propunha a retratar a realidade, mas não perdiam de vista a verossimilhança. Em geral, costumavam valorizar bastante o caráter descritivo e, portanto, havia muitas descrições de espaços. Contudo, isso não quer dizer que a literatura produzida nessa época, apenas por esse fato, era uma literatura pobre ou de menor valor, pois a forma como esses escritores descreviam os espaços, com um realismo quase que fotográfico, ajuda o leitor a se imaginar nessas configurações espaciais descritas e a compreender o espírito a que se propõe cada uma das temáticas ali propostas.

Quando se trata da segunda geração do modernismo brasileiro, especificamente no que se refere à prosa, tem-se uma fase engajada, em que os escritores buscavam denunciar as agruras vividas pela sociedade brasileira, especialmente o drama da seca. Escritores como Rachel de Queiroz em *O quinze*, Graciliano Ramos em *Vidas secas*, José Lins do Rego com o seu *Ciclo da cana-de-açúcar* e Jorge Amado e o seu *Ciclo do cacau* fizeram descrições espaciais contextualizadas, até mesmo pelas temáticas abordadas. Eles dedicaram-se a mostrar como o povo do Nordeste brasileiro, particularmente, estava sofrendo por causa da falta de comprometimento político em resolver o problema da seca

e também por causa das condições climáticas, sendo estas responsáveis por agravar o mencionado drama.

No entanto, Machado de Assis, na obra *Dom Casmurro*, consegue aliar harmonicamente essas duas ações, narrar e descrever. Desse modo, o referido escritor envolve os espaços ficcionais na sua teia narrativa, assim como se pode notar a seguir na passagem do referido romance machadiano:

Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho. Comecei a andar de um lado para o outro, estacando para amparar-me, e andava outra vez e estacava [...]. Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita e à esquerda, segundo eu ia ou vinha, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo um ar de riso de satisfação, que desmentia a abominação do meu pecado (ASSIS, 2015, p. 26-27).

Nesse excerto, percebe-se que o narrador-personagem está angustiado e esse sentimento faz com que ele pratique ações que, ao serem executadas, imbricam-se aos espaços da obra, provocando o surgimento da ambientação que descortina esse efeito angustiante que Bentinho imprime aos objetos que vai encontrando ao longo do trecho, tais como tijolos e colunas.

Ademais, outro aspecto considerável, quando se trata dessa temática, diz respeito aos espaços de memória, sendo que esta, ao ressignificar os espaços de outrora, confere a eles uma carga simbólica que se associa à topografia literária presente no texto. Nesse viés, recorrendo à obra de Pedro Nava, asseveram Santos e Oliveira:

Já na ficção de cunho autobiográfico, como a de Pedro Nava, as mutações no espaço ocorrem por conta do sujeito memória, que pretende solidificar a construção textual, simbólica, a partir da materialização de determinados lugares. Casas, ruas, bairros, cidades, tornam-se locais privilegiados para a emergência das recordações. É assim que, em Pedro Nava, a busca genealógica das raízes acha-se fundamentada no minucioso levantamento tanto da arquitetura quanto da decoração das casas da família. Mesmo que tais casas tenham sido demolidas (de fato ou na lembrança) ele insiste em recolocar, nos seus devidos lugares, cadeiras, mesas, quadros (SANTOS; OLIVERIA, 2001, p. 84).

Desse modo, pode-se afirmar que os espaços de memória podem ser mais firmes e duradouros do que os tijolos e o cimento utilizados nas construções espaciais físicas, pois tais construções podem ser destruídas, mas o que ficou delas gravado na memória poderá perdurar por um longo tempo, gerando novas histórias e provocando desdobramentos outros.

No trecho a seguir, estando dentro da prisão, Jeremias, possivelmente um preso político, protagonista da obra *Os que bebem como os cães*, do escritor piauiense Assis Brasil, faz uso da memória para ressignificar os espaços da sua casa de outrora:

Hoje é dia de meu aniversário, tenho quarenta e dois anos, me chamo Jeremias, sou professor de literatura, tenho uma mulher e uma filha, minha mãe ainda está viva, a casa em que moramos é alugada, tem um jardim onde cultivo flores, hortênsias, margaridas, tem um quintal cheio de mangueiras, todo dia saio de casa pela manhã e vou para a escola, não tenho carro, pego o ônibus das nove horas – volte cedo hoje, meu filho, é seu aniversário, Tudinha vai fazer um bolo, ela já está uma moça [...] (BRASIL, 2013, p. 151).

Esse protagonista do romance assisiano não tem ciência ao certo do que o levou para prisão, todavia, pelo ano de publicação primeira edição da obra (1975), sugere-se que ele é um típico preso político da ditadura militar no Brasil. Lá, Jeremias vive condições sub-humanas e suicida-se, como forma de se libertar da violência sofrida. Nessa passagem, o protagonista lembra-se da sua casa, até mesmo como forma de aliviar a dor diante de tantos maus-tratos.

Ao longo do período em que a referida personagem está no presídio, eram servidas água e sopa com alucinógenos, de forma a fazer com que ela não se recordasse de fatos do seu passado. No entanto, ao inferir que a comida servida a Jeremias continha esses alucinógenos, ele as evita. Com isso, os espaços de memória passam a ser revelados na obra. Dessa maneira, refletindo sobre a referida narrativa de Assis Brasil, Carvalho e Torres pontuam:

Ao fazer uso desses espaços de memória, Jeremias (com a grande ajuda do narrador) vai dando várias pistas ao leitor da sua identidade, desnudando-se. Assim, com essas informações, o leitor vai construindo um painel e, conseqüentemente, entendendo cada vez mais a personagem e a obra por completo (CARVALHO; TORRES, 2020, p. 348).

Outro ponto que merece ser discutido diz respeito às funções que o espaço ficcional exerce no texto literário. Acerca disso, o pesquisador Oziris Borges Filho, na obra *Espaço & literatura: introdução à topoanálise* (2007), lista as seguintes funções espaciais: caracterizar as personagens; influenciar as personagens e também sofrer suas ações; propiciar a ação; situar a personagem geograficamente; representar os sentimentos vividos pelas personagens; estabelecer contraste com as personagens; antecipar a narrativa.

Ressalta-se que esta pesquisa não pretende discorrer sobre cada uma das funções do espaço literário listadas por Borges Filho, todavia, destaca-se aqui a função que caracteriza as personagens, pois, se o leitor conhece bem os seres que povoam a narrativa, ele terá uma probabilidade maior de interação com a obra, captando a riqueza artística que ela se propõe a oferecer.

Assim, o espaço ficcional funciona como uma espécie de passarela, onde o leitor tem o privilégio de observar como, os que dela fazem uso, aproveitam cada parte do espaço utilizado. Como num desfile, há momentos em que essas personagens param, fixando-se em um determinado ponto. É exatamente aí em que se pode verificar se tal local de parada pode ser encarado como elemento caracterizador, sabendo que “muitas vezes, mesmo antes de qualquer ação, é possível prever quais serão as atitudes da personagem, pois essas ações já foram indiciadas no espaço que a mesma ocupa” (BORGES FILHO, 2007, p. 35).

Importante notar que não são todos os espaços ficcionais que podem ser considerados caracterizadores das personagens. Para que essa função seja bem definida é preciso que o pesquisador se atenha não aos espaços transitórios, mas aos que as personagens se fixam por um tempo maior e/ou que tenham com eles relações socioeconômicas e/ou psicológicas relevantes, pois “esses espaços são fixos da personagem, são espaços em que elas moram ou frequentam com grande assiduidade” (BORGES FILHO, 2007, p. 35).

A casa onde as personagens residem costuma ser um típico exemplo de espaço caracterizador. Esse espaço costuma retratar a identidade da personagem que dele faz uso. Observando a arrumação (ou desarrumação) da casa, como os móveis estão dispostos, a utilização que é dada a cada um deles, os cômodos mais visitados, os objetos que o narrador faz questão de revelar ao leitor, tudo isso vai mostrando pouco a pouco aspectos não apenas socioeconômicos, mas também psicológicos e que farão a diferença para a compreensão de todo o enredo e dos seus participantes.

Nessa esteira, analisando o espaço caracterizador, observa-se que ele “é em geral restrito – um quarto, uma casa –, refletindo na escolha dos objetos, na maneira de os dispor e conservar, o modo de ser da personagem” (LINS, 1976, p. 98).

Machado de Assis, no conto *A cartomante*, apresenta a descrição da casa da personagem principal com uma riqueza de detalhes que ajuda o leitor a entender o comportamento dessa personagem revestida de astúcia, mistério e que personifica uma crítica social bastante contundente: a venda de ilusões por parte das cartomantes. A visita de Camilo à casa da cartomante é uma descrição de como o espaço ficcional pode funcionar como um elemento de destaque dentro da narrativa e como tal elemento pode funcionar como meio para se compreender o enredo da narrativa. A seguir, tem-se parte da descrição da casa da cartomante durante a visita de Camilo:

Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma

salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza que antes aumentava do que destruía o prestígio. A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo (ASSIS, 1992, p. 71-72).

As expressões “mal alumiada”, “paredes sombrias”, “pouca luz de fora”, referindo-se à casa da personagem central do conto machadiano, caracterizam o ar de mistério que envolve essa personagem e toda a cena da qual ela faz parte, ajudando a enriquecer a narrativa.

Outrossim, a descrição do espaço caracterizador pode revelar aspectos que a personagem carrega ao longo de todo o enredo ou apenas em um determinado momento da narrativa. No caso do trecho anteriormente citado da obra machadiana, o espaço descrito revela características intrínsecas e constantes da cartomante: astúcia e mistério. Sobre esse ponto de discussão, comenta Borges Filho: “[...] inúmeras vezes o espaço é a projeção psicológica da personagem. E essa projeção pode ser de uma característica intrínseca da personagem ou de um estado momentâneo (BORGES FILHO, 2007, p. 36).

Quanto ao estudo relativo ao espaço literário, pontua-se aqui, brevemente, a relação existente entre esse elemento da narrativa e o tempo. Acerca da referida relação e fazendo uso da obra *Senhora*, de José de Alencar, analisa Osman Lins:

Deve-se observar, aliás, que uma alusão ao tempo pode ter na verdade função espacial. Lê-se no capítulo II de *Senhora*: ‘Seriam nove horas do dia. / Um sol ardente de março esbate-se nas venezianas que vestem as sacadas de uma sala, nas Laranjeiras. / A luz coada pelas verdes empanadas debuxa com a suavidade do nimbo o gracioso busto de Aurélia sobre o aveludado escarlate do papel que forra o gabinete.’ O mês e a hora, aí, carecem de importância. O que interessa é o efeito da luz, às nove horas de um mês de março tropical, sobre a figura de Aurélia. Atestam-no as ‘verdes empanadas’, a ‘luz coada’, a ‘suavidade do nimbo’, o ‘aveludado escarlate do papel’. O romancista busca retratar a heroína sob iluminação favorável, situando-a num espaço encantado (LINS, 1976, p. 110).

Assim, ao observar o excerto da obra de José de Alencar exposto por Lins, nota-se que a luz não somente revela os espaços, mas também imbrica-se a eles, confirmando-se, dessa maneira, que, quando se trata de texto literário, “muitas vezes, o próprio tempo é usado como função espacial” (BORGES FILHO, 2007, p. 41). Diante disso, “Lins levanta uma questão de subordinação entre as categorias do espaço e tempo” (BORGES FILHO, 2007, p. 42).

Além disso, uma das contribuições de Osman Lins referentes aos estudos acerca do espaço ficcional na obra *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976) é o estabelecimento dos três princípios básicos de ambientação: franca, reflexa e oblíqua ou dissimulada.

Antes de se discorrer sinteticamente acerca de tais princípios, faz-se necessário notar o que versa Lins sobre o conceito de ambientação:

Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa (LINS, 1976, p. 77).

Nesse sentido, a ambientação dirige o seu olhar para o espaço dentro da narrativa, observando, dentre outros aspectos, quais são os recursos literários presentes nela e que envolvem o elemento da narrativa aqui em discussão.

No que tange à ambientação franca, o espaço é revelado por meio do narrador. Nela, há uma predominância da descrição, ocasionando um hiato na narrativa.

Na passagem a seguir do conto *Casa tomada*, do escritor Julio Cortázar, tem-se a presença da ambientação franca, em que fica evidente a existência desse hiato no texto literário:

Lembro-me bem da divisão da casa! A sala de jantar, uma peça com gobelinos, a biblioteca e três quartos grandes ficavam na parte mais afastada, a que dá frente para a Rodrigues Peña. Um único corredor, com sua maciça porta de carvalho, separava essa parte da ala dianteira, onde havia um banheiro, a cozinha, nossos quartos de dormir e o *living* central, com o qual se comunicavam os quartos e o corredor. Entrava-se na casa por um saguão de azulejos, e a porta principal dava para o *living* (CORTÁZAR, 1986, p. 13).

Todavia, quando o espaço é descortinado/revelado pela própria personagem, tem-se a ambientação classificada por Lins como reflexa. A seguir, há um fragmento da obra *A filha do meio quilo*, do escritor piauiense Assis Brasil, em que há a incidência desse tipo de ambientação:

Faltou-lhe Tomás, sua ausência doía, e a loja, sem a sua autoridade ou as suas calças compridas, era apenas a loja que 'ela herdou e não sabe dirigir'. Até os vendedores de cocada faziam algazarra na porta, os caixeiros a olhavam de cima a baixo, e as vendas caíam (BRASIL, 2014, p. 155).

Nesse trecho da obra do escritor piauiense, pode-se notar o espaço da loja sendo percebido pela ótica trazida pelas personagens denominadas de caixeiros quando se afirma, por exemplo, que "olhavam de cima a baixo". Dessa maneira, essas personagens transferem para a narrativa as suas impressões sobre a loja por meio do seu olhar de desdém.

Já na ambientação dissimulada, entre o descrever e o narrar, há uma acentuada predominância do segundo sobre o primeiro e, ao longo da narração, o espaço vem à tona,

ou seja, ele está intimamente ligado à narração, concatenando-se com as ações presentes no texto.

A passagem a seguir da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, exemplifica a ambientação oblíqua ou dissimulada:

A voz da mãe era agora mais perto, como se viesse já da porta dos fundos. Quis passar ao quintal, mas as pernas, há pouco tão andarilhas, pareciam agora presas ao chão. Afinal fiz um esforço, empurrei a porta, entrei. Capitu estava ao pé do muro fronteiro, voltada para ele, riscando com um prego. O rumor da porta fê-la olhar para trás; ao dar comigo, encostou-se ao muro, como se quisesse esconder alguma coisa. Caminhei para ela; naturalmente levava o gesto mudado, porque ela veio a mim, e perguntou inquieta:
– Que é que você tem? (ASSIS, 2015, p. 30).

Ademais, há que se mencionar brevemente acerca do elemento espacial denominado paisagem, mesmo sabendo que aqui não se pretende analisá-lo com minúcias.

A princípio, é pertinente mencionar que “o conceito de paisagem está ligado à ideia de olhar, portanto à ideia de subjetivação” (BORGES FILHO, 2007, p. 52). Ainda no tocante a essa discussão, pontua o referido pesquisador:

A ideia de paisagem está ligada ao olhar da personagem e/ou narrador. Quando ela estiver olhando uma grande extensão de espaço aí teremos a presença da paisagem. Como se sabe, nenhum olhar é neutro, daí que a vivência da personagem e ou narrador determinará o conceito que esta terá do espaço que vê. Tal conceito circulará entre dois pólos (sic): o de beleza e o de feiúra (sic) (BORGES FILHO, 2007, p. 52-53).

Com isso, pode-se perceber que existe uma característica crucial que envolve o elemento paisagem: a subjetivação. No entanto, como reflete Borges Filho, um dos pontos decisivos para se definir o que vem a ser paisagem é analisar a dicotomia entre belo e feio ao se lançar o olhar sobre o espaço.

Nesse sentido, a obra *Os que bebem como os cães*, de Assis Brasil, oferece um arcabouço de possibilidades para se trabalhar a paisagem, embora, ressalta-se aqui novamente que esta pesquisa não pretende adentrar-se minuciosamente nessa seara.

Como o referido romance assisiano retrata muitos espaços de dor, de sofrimento, ficam claros nessa narrativa os polos belo e feio, sendo este último mais evidente na obra do que o primeiro, assim como se pode notar na seguinte passagem: “Ainda estavam amordaçados. Olhava em frente e via a paisagem única dos homens pálidos – a pele desbotada, como manchas de claridade” (BRASIL, 2013, p. 86).

Nesse excerto, o olhar que Jeremias imprimia ao ver os seus companheiros de prisão no pátio era um olhar que enxergava a feiura daqueles homens, submetidos a tantos sofrimentos, a tanta violência.

3 Considerações finais

A literatura é arte e, como tal, cada detalhe carrega uma razão de ser. Assim, não se deve ignorar a importância que o espaço ficcional proporciona ao texto literário, sob pena de não se considerar aspectos significativos ao se analisar uma obra.

Assim, o estudo sobre os espaços da narrativa (o social e o psicológico), os espaços de memória, a caracterização das personagens, a ambientação e a paisagem ajudam o pesquisador a compreender a complexidade que o espaço ficcional atribui ao texto literário.

Espera-se que novas pesquisas possam fazer uso das ideias contidas neste trabalho, de forma a aprofundá-las, pois muito já foi desvendado, todavia há ainda muito a ser revelado no que tange ao elemento da narrativa em discussão.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado. **Dom casmurro**. São Paulo: Via Leitura, 2015.

ASSIS, Machado. Várias histórias. *In*: PASSONI, Célia. A. N. (org.). **Onze contos de Machado de Assis**. São Paulo: Núcleo, 1992.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço & literatura**: introdução à toponálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. **Os que bebem como os cães**. 8. ed. Teresina: Editora Nova Aliança, 2013.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. **Tetralogia Piauiense**. 3. ed. Teresina: Editora Nova Aliança, 2014.

CARVALHO, Ederson Dias de; COSTA, Margareth Torres de Alencar. A memória e o espaço ficcional em *Os que bebem como os cães*, de Assis Brasil. **Revista Desenredo**, v. 16, n. 2, p. 341-360, mai./ago. 2020. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/10741/114115519>. Acesso em: 28 fev. 2021.

CORTÁZAR, Julio. **Bestiário**. Tradução: Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TALLY JUNIOR, Robert T. **Espacialidade**. Tradução: Ana Maria Marques da Costa Pereira Lopes *et. al.* Uberaba: Ribeirão Gráfica e Editora, 2018.

Recebido: 21/04/2021

Aprovado: 30/04/2021